

## A VARIABILIDADE DAS ORAÇÕES COMPLETIVAS NA DIMENSÃO ESCALAR DA MODALIDADE

Vânia Raquel Santos Amorim (UESB)

[amorimvrs@gmail.com](mailto:amorimvrs@gmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valeria.viana.sousa@uesb.edu.br](mailto:valeria.viana.sousa@uesb.edu.br)

### RESUMO

Neste trabalho, investigamos a variabilidade do modo subjuntivo em contexto de orações completivas. Ancoramo-nos, teoricamente, nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), resgatando os seguintes autores: Cappelle (2006, 2009), Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013), entre outros. Objetivamos analisar a distribuição da variabilidade do modo verbal subjuntivo em um *continuum* de modalidade *irrealis*. Aventamos que o subjuntivo tende a ser mais usado em situações em que a noção de projeção futura se faz presente. Concernente à metodologia, orientamo-nos através do método misto que conjuga as metodologias qualitativa e quantitativa. A amostra da pesquisa é constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*). Referente à análise dos dados, os resultados apontaram que o subjuntivo era mais realizado diante do contexto em que o traço de futuridade se apresentava associado ao submodo deôntico com valor semântico de volição, seguindo na direção do *continuum* para a modalidade deôntica com valor semântico de manipulação. O resultado deste trabalho evidenciou ainda que a variabilidade do modo subjuntivo pode ser explicada por fatores relacionados às habilidades cognitivas de domínio geral: analogização, memória rica e categorização.

### Palavras-chave:

Subjuntivo. Variabilidade. Linguística Funcional Centrada no Uso.

### ABSTRACT

In this work, we investigate the variability of the subjunctive mood in the context of complete clauses. Theoretically, we are based on the assumptions of Use-Centered Functional Linguistics (UCFC) with the following authors: Cappelle (2006, 2009), Bybee (2016), Traugott and Trousdale (2013), among others. We aim to analyze the distribution of the variability of the subjunctive verbal mood in a continuum of the *irrealis* modality. We suggest that the subjunctive tends to be more used in situations where the notion of future projection is present. Concerning the methodology, we are guided by the mixed method that combines qualitative and quantitative methodologies. The research sample consists of 24 (twenty-four) interviews from the *Português Popular de Vitória da Conquista* (Popular Portuguese of Vitória da Conquista – *Corpus PPVC*). Regarding the data analysis, the results showed that the subjunctive was more performed in the context in which the futurity feature was associated with the deontic submode with a semantic value of volition, following in the direction of the continuum for the deontic modality with semantic value of manipulation. The result of this work also evidenced that the variability of the subjunctive mood can be explained by factors related to cognitive abilities of domain-general: analogization, rich memory and cate-

gorization.

**Keywords:**

**Subjunctive. Variability. Use-Centered Functional Linguistics.**

## **1. Introdução**

Em uma abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que é direcionada pela visão de que a língua é variável e a gramática é remodelada constantemente de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes, investigamos a variabilidade do modo subjuntivo em orações completivas introduzidas pelo complementizador *que* no *Corpus* Popular de Vitória da Conquista-BA.

Alicerçados, então, nessa teoria, o presente trabalho é orientado pela seguinte questão-problema: O modo subjuntivo está atrelado somente ao valor de incerteza e está instanciado apenas na modalidade do subjuntivo no *Corpus* Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC)? Como seria disposto o uso variável do modo subjuntivo em um gradiente de modalidade?

Para elucidar essas questões, levantamos a hipótese de que a forma subjuntiva no *Corpus* PPVC se apresenta relacionada a um valor de incerteza medido em uma escala, e que tende a ser mais usado em situações em que a noção de projeção futura se faz presente. Dado essa graduação do valor de incerteza do subjuntivo, seu uso variável pode ser distribuído em um *continuum* da modalidade *irrealis* a partir dos seus dois eixos: submodo deontico com os valores de volição, avaliação, preferência e manipulação e submodo epistêmico com os valores de probabilidade, certeza, crença, segundo o gradiente de modalidade na visão givoniana.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: Introdução, Pressupostos teóricos, Procedimentos metodológicos, Análise dos dados e as Considerações finais seguidas das Referências Bibliográficas.

Para suporte dessa investigação, acionamos alguns pressupostos teóricos da LFCU que serão apresentados na seção a seguir.

## **2. Pressupostos teóricos**

A LFCU é uma tendência teórica recente, com a qual alguns linguistas têm se ocupado no desenvolvimento das pesquisas de fenômenos

linguísticos, que consiste na conciliação de alguns pressupostos teórico-metodológicos entre as abordagens da Linguística Funcional de base norte-americana e da Gramática das Construções (Cf. BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2016). A LFCU constitui uma adequação do terno *Usage-based Linguistics*, cunhado por linguistas que estão associados ao grupo de pesquisa *Discurso e Gramática*. A língua na perspectiva dessa teoria é conceitualizada como um conjunto esquemático, compreendida como “o pareamento entre forma e função ou construções organizadas em rede” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1, tradução nossa).

Dentro dessa perspectiva teórica, temos as chamadas habilidades cognitivas de domínio geral que nos dão suporte para entendermos os processos de mudança na língua. Para esta pesquisa, consideramos a categorização, a memória rica e a frequência via analogização (Cf. BYBEE, 2016) para a análise da variabilidade do subjuntivo.

A categorização é definida por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 28) como um processo cognitivo de “(...) domínio geral no sentido de que categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência humana.” Com relação à memória enriquecida, Cezário, Campos e Santos (2018) conceituam-na como o armazenamento na memória dos detalhes, através da experiência vivenciada pelo falante com a linguagem. Assim, o uso do subjuntivo pode ser posto desta forma: o subjuntivo é o mais utilizado em contexto de oração completiva em que se prescreve o uso desse modo verbal em relação à camada mais nova (forma indicativa) e, por essa razão, possui uma representação maior na memória do falante. Por fim, a analogia consiste no processo como uma habilidade cognitiva do falante relacionada à criação de novas maneiras de dizer, a partir de formas já existentes no sistema, gerando, assim, inovações na língua (Cf. OLIVEIRA, 2017).

Esses processos cognitivos de domínio geral nos fazem compreender a inovação do uso do modo verbal subjuntivo quando o indicativo é usado com valor semântico de incerteza. Cappelle (2006, 2009) utiliza a terminologia de aloconstruções quando ocorre o surgimento de formas distintas com o mesmo valor semântico de uma mesma construção. O conceito de aloconstrução proposta pelo autor é usado em analogia às conceitualizações estruturalistas de alofone (relacionada à fonologia) e alomorfe (referente à morfologia).

Dado essa exposição a respeito da abordagem teórica, seguimos

para a seção referente à metodologia da pesquisa.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

Para o tratamento da variabilidade do modo subjuntivo, apropriamos-nos do método misto que pode ser compreendido, segundo Cunha Lacerda (2016), por meio da associação entre as metodologias quantitativa e qualitativa.

Cunha Lacerda (2016), esposando das palavras de Traugott e Trousdale (2013), explica-nos que esse caráter quanti-qualitativo pode corroborar no entendimento de como as inovações linguísticas que surgem no processo de interlocução pelos falantes são regularizadas na língua.

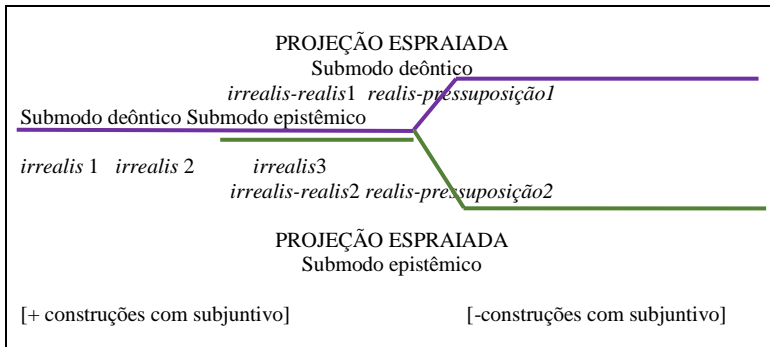
Os dados para a pesquisa foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), constituído e organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, coordenados pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa e pelo Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva. A amostra foi composta por 24 (vinte e quatro) informantes, estratificados em três faixas etárias, a saber: (i) faixa etária I (15 anos a 25 anos de idade); (ii) faixa etária II (26 anos a 50 anos de idade) e (iii) faixa etária III (mais de 50 anos de idade).

### **4. Análise dos dados**

Nesta seção, descrevemos e analisamos os resultados da variabilidade do modo subjuntivo em orações completivas, considerando a amostra de dados de fala do *Corpus* PPVC e a abordagem teórica da LFCU. Para isso, apresentamos a frequência *type* e *token* a fim de mostrar a frequência de tipo e a frequência de ocorrência e os processos cognitivos de domínio geral.

Em relação à frequência de ocorrência, tivemos um total de 80 (oitenta) dados de fala. Retomando Givón (2001) que considera a modalidade como uma dimensão escalar complexa do subjuntivo, realizamos a distribuição da modalidade *irrealis* em 7 (sete) pontos do *continuum*, seguindo o parâmetro de Pimpão (2012), conforme a Figura 1:

Figura 1: Gradiente de modalidade do modo subjuntivo.



Fonte: adaptado de Pimpão (2012, p. 58).

A distribuição variável da modalidade *irrealis* em uma dimensão escalar tem um ponto de interface entre os submodos epistêmico e deontico, que é a incerteza epistêmica, conforme demonstra a Figura 1. O traço de projeção futura é linear até um determinado ponto do *continuum* (*irrealis 3*), bifurcando-se para cima e para baixo quando esse traço de futuridade vai se perdendo. Essa distribuição escalar teve os seguintes resultados da frequência *type* ao longo da dimensão do *continuum* (*irrealis 1*, *irrealis 2*, *irrealis/realism1*, *irrealis 3*, *irrealis-realism2*, *realis-pessuposição 1*):

Tabela 1: Valores dos submodos na dimensão da modalidade.

VALORES DO SUBMODOS	Corpus PPVC
	Apl./Total
Irrealis 1	24/3666,7
Irrealis 2	12/1580
Irrealis/realism1	1/2 50
Irrealis 3	3/13 23
Irrealis-realism 2	1/7 14,3
Realis-pessuposição 1	1/7 14,3
Total	42/8052,5

Conforme aventamos, o subjuntivo mostrou-se com uma frequência maior no extremo esquerdo do *continuum*, *irrealis 1*, com 66,7%, e *irrealis 2*, com 80%, em que o valor semântico de incerteza e o traço de projeção futura estão relacionados ou interligados e, por isso, na linha do *continuum*, de acordo a Figura 1, recai no escopo da modalidade *irrealis*. Esperávamos que o uso do subjuntivo fosse usado com uma frequência maior no ponto 1 do *continuum* (*irrealis 1*), pelo fato de as orações principais estarem sob o escopo de verbos volitivos, contudo a frequência maior incidiu no ponto 2 do *continuum* (*irrealis 2*).

Nesse ponto 2, um contexto em que a oração matriz está sob o escopo de verbos de manipulação e se espera que o indivíduo, ao manipular ou induzir a ação do outro, desenhe uma situação em que se tenha uma probabilidade maior do fato se realizar, presumíamos que o subjuntivo fosse menos acentuado nesse ponto 2 do *continuum*.

Ainda sobre o Grau 1 do domínio escalar da modalidade, (*irrealis 1*), observamos que a futuridade associada ao submodo deôntico é uma esfera favorável para a utilização do modo subjuntivo com um total de 24/80. Isso pode ser justificado pelo fato da noção de futuro estar relacionada ao desejo, conforme demonstra o exemplo (1):

(1) INF: Ah, é querer sempre o melhor pra ela, que não passar o que passei, + quero que ela **TERMINE**os estudo dela, e pra quando ela crescer ser alguém na vida, {init} seguir o meu exemplo. Tem que batalhar pra conseguir... (J.S.R – *Corpus PPVC*)

No dado (1), a mãe deseja que a filha termine os estudos e que seja “alguém na vida”, seguindo, assim, o seu exemplo. Em outras construções observadas no Grau 1 do *continuum*, ocorreu a intercambialidade do subjuntivo com o indicativo de acordo com o dado de fala (2):

(2) [...] que o o [mascate] falô que merecia estudá. Aí eu falei: “Mãe, a senhora também nem **qué** que eu **ESTUDO**. Esses estudovêi daqui não presta não mãe. Eu... eu vô pra lá pá Araçuaí.” “Não, você não vai não. Se você for você casa com o fi de Miguel.” ININT mas agora assunta e eu pequena ainda. E nesse tempo... moça... era... não podia falá assim não com os pai não. (E.L.C- *Corpus PPVC*)

Em (2), o verbo volitivo ‘querer’ está inerente na modalidade *irrealis*, no escopo do submodo deôntico com o valor de desejo e com o traço de futuridade, pois, quando a informante expressa que a mãe dela não queria que ela estudasse, há um desejo instaurado que poderá ser realizado ou não.

Seguindo pelos pontos do *continuum* da esquerda para a direita, no grau 2 – *irrealis 2*, observamos que há ainda a projeção de futuro, conforme acontece no grau 1 – *irrealis 1*, mas com um diferencial: no Grau 2 ocorre um teor de manipulação, o que direciona para uma probabilidade maior de uma realização no futuro. Vejamos a construção (3).

(3) INF: [...] eu tenho muito que agradecer a Deus, que os dois filhos assim que ele me deu, que [graça], até hoje, nunca me deu

trabalho, nunca perdi uma noite de sono, nunca vim ni reunião de escola por causa de [fi] /com licença, ó Mara **pediu** que **AVISASSE** vocês que precisaria trazer um real. (E.S.P - *Corpus PPVC*)

No dado (3), há expressado um teor de manipulação. O fato de ser solicitado que seria necessário a contribuição de 1 real, aumenta mais a probabilidade de que ocorra a sua realização. Observamos nessa construção que não há a marca de desejo como foi visto no exemplo (1), mas percebemos aqui um valor de manipulação instaurado.

No grau 3 (*irrealis* 3), ainda se instaura a projeção futura com a probabilidade de realização:

(4) E: Cê saia de casa?

I: Eu:: não, ficava dent0o de casa, ficava com [med] de sê ro0bado + do jeito que eu sou, num sai cum minhas coisa na rua. Uma vez eu tava com meu computador no [mei] da rua, meu notebook {init}, os cara passou oyano, [quas] eu **pensei** que **IA RO0BÁ**, né {init} dent0o de casa {init}. (L.B.R – *Corpus PPVC*)

Em (4), a informante relata que cogitou, considerou que seria roubada. No momento da sua suposição, foi projetada para o futuro a probabilidade de que esse fato ocorresse.

Caminhando para o Grau 4 – *irrealis–realis*1, notamos que, nesse ponto do *continuum*, há inerente o valor de manipulação diante de um fato que acontece de forma repetitiva:

(5) Aí eles me derum uma caixa fosco de troco, e sempre eles dava pa menina um suco ou então uma caxa de fosco, eles dizia que era a menina que robava. Aí eu falei se ela falar que fui eu, eu de menor nessa época eu tinha o que dizesseis ano 0. Eu falei se ela fala que fui eu que robei, eu voqueimata a cara dela aqui (risos), se ela vim quere me bate que eu que cunzinhava. O que eu fazia eu num comia, o que eu cunzinhava eu num comia; **ti-nha** que come o que ela **DESSE** né? (M.J.P.S – *Corpus PPVC*)

No fragmento de fala (5), observamos um grau de manipulação em que a secretária era obrigada a comer o que a patroa desse. Nesse relato, percebemos que ocorre uma ação repetida com teor de atemporalidade. No ponto *irrealis–realis* 1, tivemos uma frequência de 50% de uso do subjuntivo em um ponto do *continuum* em que esperávamos que essa

frequência fosse diminuir. Não desconsideramos isso, pois observamos que esse resultado foi apenas relacionado a 1 (um) dado de um total de dois. Nossa pesquisa prossegue, analisando outros contextos sintáticos, o que pode alterar esse resultado.

Partindo para outro ponto do *continuum*, no grau 5 – *irrealis* – *realis*<sup>2</sup>, observamos o valor de crença/probabilidade que está instaurado no submodo epistêmico distribuído em um eixo temporal passado, presente e futuro chamada por Pimpão (2002) de situação espriada:

(6) DOC: Nunca comeu?

INF: Sim. Ele **pensava** que ela nunca **TINHA COMIDO**. Aí a nega... que nesse tempo o povo tudo tinha nego, né, comprado... aí ele... ela foi e falou pra ele que nunca comeu na vida dela. Aí a nega falô: “Você despede dela e fala que vai a uma viagem e num sabe se vem dia depois ou... ou que dia que dá pra ele chegá.” Aí ele escondeu no [sôtão], pôco ela: “Nega ININT bem gordo. (E.L.C- *Corpus* PPVC)

Nessa construção (6), E.L.C relata o fato, contando algo no passado identificado nos verbos, “pensava”, “tinha”, “falou”. Na sequência, temos verbos no presente “despede”, “fala” e situações que projetam para o futuro como sublinhadas no dado.

No grau 6do *continuum* (*realis*–*pressuposição*<sup>1</sup>), é inerente o valor de avaliação que o falante faz diante do fato expresso:

(7) DOC: {risos}

INF: Eh... eu não achei...eu **achei** que ele **DEVERIA TÊ IDO** pa... se ele fugiu do debate, é que ele tem o rabo preso... (S.A.A-*Corpus* Popular)

DOC: É verdade

INF:...né? Eu **achei** que **FOI ERRADO** da parte dele não tê ido no debate (S.A.A – *Corpus* Popular)

Nesse ponto do *continuum*, o informante opina, dizendo que determinada pessoa deveria ter comparecido ao debate. E segue avaliando, julgando e considerando que tal atitude não foi correta.

Verificamos, a partir do resultado apresentado na Tabela 1e na distribuição dos dados ao longo dos pontos do *continuum* na Figura 1, que, no domínio do submodo epistêmico (*irrealis*<sup>3</sup> *irrealis*–*realis* 2), o subjuntivo tem uma frequência maior no extremo do lado esquerdo e diminui à medida que caminha para o extremo do lado direito. Em rela-



ção ao domínio do submodo deôntico, há uma produtividade grande com verbos volitivos localizados no primeiro ponto do *continuum*, e há um aumento no ponto 2 da linha, o que não esperávamos. Ainda averiguamos no primeiro ponto da bifurcação uma produtividade de 50% (*irrealis-realis*<sup>1</sup>) que não nos chamou a atenção pelo fato deste percentual estar relacionado a 1 (um) dado de um total de 2 (dois).

Os nossos dados revelaram que o traço de projeção futura instaurado nos eixos dos domínios epistêmico e deôntico nos apresentam um gradiente de valor de incerteza que se distribuíram em seis pontos do *continuum*. Com a ampliação dos dados, esperamos mostrar resultados relacionados ao ponto 7 do domínio da escala, *realis–pressuposição* 2, que está na categoria do submodo epistêmico.

#### ***4.1. O impacto dos processos cognitivos de domínio geral na variabilidade do subjuntivo***

Nesta seção, discutimos como os processos cognitivos de domínio geral: categorização, memória enriquecida e analogização podem impactar o feixe de exemplar da categoria verbal do modo subjuntivo.

Bybee (2016) nos diz que em um modelo da teoria dos exemplares, as combinações relacionadas ao significado nos usos reais de fala são fixadas na memória e quando reforçados, devido ao processo da repetição, são convencionalizados como possíveis interpretações. Diante disso, as inferências repetidas do uso do indicativo com valor semântico de incerteza fazem com que esse valor se torne sua parte inerente, conduzindo esse uso para novos contextos linguísticos.

Bybee (2016) lembra-nos bem que o uso repetitivo de determinada forma linguística impacta a representação cognitiva da linguagem no seu armazenamento na memória e na sua organização nesse processo de armazenamento, e, nessa direção, na própria língua, explicitamente, manifesta. Por isso, interessa-nos aqui trazer à tona a discussão a respeito do processamento cognitivo, dessa rotinização das formas linguísticas dos processos cognitivos de domínio geral, já citados anteriormente, para entender esse comportamento da variabilidade do modo subjuntivo.

Abrimos a discussão com o processo cognitivo de domínio geral categorização, afirmando que ela não é estanque, mas gradiente e, tendo essa natureza, as fronteiras existentes entre construções distintas não são discretas, e isso pode ocasionar, em alguma medida, em uma abertura de

espaço para a neutralização entre exemplares diferentes, gerando, assim, a concomitância entre as construções (Cf. OLIVEIRA, 2019). Desenhado esse princípio da categorização, aplicamos a variedade do modo subjuntivo, entendendo, assim, a sua permuta com formas do indicativo.

Em relação ao processo da analogia, as enunciações novas são formadas a partir de outros enunciados já existentes. Ao associar esse processo com a variabilidade do subjuntivo, o subjuntivo ao expandir o nível semântico-pragmático, recrutando formas do indicativo com valor inerente do subjuntivo, temos aí delineado esse processo via analogização sendo traçado.

Concernente à memória enriquecida, o subjuntivo requerido nos contextos de oração completiva introduzidas pelo complementizador *que* é altamente previsível. Cada vez que o subjuntivo é usado nesse contexto sintático, reforça a representação desse exemplar. A rotinização desse uso gera uma alta estocagem na memória enriquecida dos detalhes que os falantes experienciaram com a língua. Em virtude disso, essas construções linguísticas vão ser conservadas por um tempo maior nos usos linguísticos. Do contrário, o exemplar, quando não é reforçado na memória, pode se tornar inacessível e a sua frequência exercer o papel na sua manutenção (Cf. BYBEE, 2016).

O exemplar do modo subjuntivo é frequente nos contextos sintáticos de orações completivas e, por essa razão, é mais provável que os falantes sejam condicionados a escolherem esse modo na sua produção de fala. Essa alta frequência faz com que o seu uso se espraie.

## **5. Considerações finais**

O intuito desta pesquisa consistiu em analisar a variabilidade do modo subjuntivo em contexto de oração completiva introduzida pelo complementizador *que*, teoricamente, ancorado no aporte da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Em termos metodológicos, a pesquisa tem um cunho quantitativo com o exame de uma amostra constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular (*Corpus PPVC*).

No que tange à análise dos dados, mostramos a distribuição da variabilidade do subjuntivo em um gradiente de modalidade *irrealis*, atestando nossa hipótese de que o traço de projeção futura influencia no uso

de formas do subjuntivo. No entanto, esperamos com a ampliação da análise em outros contextos sintáticos que o resultado da frequência do uso do subjuntivo seja mais produtivo no primeiro ponto do contínuo à esquerda (*irrealis*1), por estar relacionado a verbos que expressam desejo e por terem inerente o traço de projeção futura.

Os nossos resultados ainda apontaram que, apesar do ponto *irrealis/realis*1 estar mais à direita do *continuum*, obtivemos um percentual de 50% de uso do subjuntivo, mas observamos que esse resultado está relacionado a apenas 1 (um) dado de um total de 2 (dois). Sublinhamos, contudo, que, com a ampliação da amostra da pesquisa, poderemos ser direcionados a novos resultados. No domínio do submodo epistêmico (*irrealis*3 *irrealis*–*realis*2), o subjuntivo tem uma frequência maior no lado esquerdo do *continuum* e diminui à medida que caminha para o extremo do lado direito.

Ainda evidenciamos que a variabilidade do subjuntivo pode ser explicada pela frequência *token* e *type* e por fatores atinentes às habilidades cognitivas de domínio geral (categorização, memória rica e analogização).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAPPELLE, Bert. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. (Eds). *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-99

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In: SCHÖNEFELD, D. (Ed.). *Constructions all over: case studies and theoretical implications*, (Special volume of Constructions SV1-7/2006) Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/31590515\\_Particle\\_placement\\_and\\_the\\_case\\_for\\_allostructions](https://www.researchgate.net/publication/31590515_Particle_placement_and_the_case_for_allostructions). Acesso em: 12 de ago. de 2020.

CEZÁRIO, Maria Maura; CAMPOS, Júlia Langer; SANTOS, Monique Petin. Construções em competição: fenômenos revisitados. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; BISPO, E.B.; SILVA, J.R. *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. O papel do método

misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística* – Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Volume Especial, p. 83-101, Rio de Janeiro, UFRJ, dez de 2016.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. *Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

\_\_\_\_\_; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo Balduino. *O pareamento forma-função nas construções: questões teórica e operacionais*. Vol. Especial – Linguística centrada no uso, dez. 2016.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. V. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística funcional centrada no uso. In: CASSEB-GALVÃO, V.; NEVES, M.M.H. de M. (Orgs). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2017.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. *Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (doutorado) – UFSC, Florianópolis, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press. 2013.